

APRENDIZAGENS DE SI NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Áurea da Silva Pereira Santos¹
Ieda Fátima da Silva²
Tarcísio Carvalho da Cruz³

RESUMO

Pretende-se neste ensaio escrito de discutir e refletir sobre as imagens e aprendizagens de cinco mulheres idosas de uma comunidade rural negra do município de Inhambupe (BA). No decorrer da pesquisa, utilizou-se dos pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa, dando ênfase ao método (auto)biográfico. Como corpo teórico, apropriamo-nos das categorias teóricas de Beauvoir (1990); Bosi (2003); Mucida (2009); Ricoeur(2006); Strauch (2011), Ricoeur (2006) e outros; e paralela a apreensão do aporte teórico, realizamos outras leituras culturais de peças teatrais, como: *Ensina-me a Viver* e *Viver Sem Tempos Mortos*. Desse contexto teórico e cultural, construímos categorias conceituais e epistemológicas acerca do objeto de estudo numa tentativa de aproximação teórica com o objetivo de compreender as questões de envelhecimento experienciado pelas mulheres idosas. As contribuições teóricas selecionadas, enriquecidas com filmes, peças teatrais que estavam tematicamente vinculadas aos interesses da pesquisa ajudaram a elucidar a compreensão das narrativas (auto)biográficas de mulheres velhas e as aprendizagens construídas sobre si.

Palavras-chave: aprendizagens; mulheres; envelhecimento; cinema; narrativas.

INTRODUÇÃO

Dentre as vivências intelectuais e culturais realizadas destaco a leitura do espetáculo *Viver Sem Tempos Morto*, monólogo, dirigido por Felipe Hirsch, que traz na interpretação da atriz Fernanda Montenegro a compilação do pensamento de Simone de Beauvoir. Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi filósofa, escritora e ensaísta Francesa, que com a sua forma de pensar revolucionou a visão do Feminino, a partir da sua obra *O segundo sexo*. Alguns dos seus escritos registram suas

¹ Doutora em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC-UNEB), Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (POS-Crítica_UNEB). E-mails: aureauneb@gmail.com/ aspsantos@uneb.br

² Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (Programa em Família na Sociedade Contemporânea –UCSAL). E-mail: iedamacy@gmail.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, tcarvalhoc@gmail.com.

experiências em extensas obras autobiográficas, além da inquietação diante da velhice e da morte.

A peça nos reportou por demais a pesquisa, pois enquanto assistíamos ao monólogo, pensava nas mulheres idosas, colaboradoras da pesquisa e em suas trajetórias de vida. Se por um lado, estávamos contentes com espetáculo e o belíssimo texto interpretado pela atriz que possuía na época 82 anos; por outro lado, ficávamos entristecidos porque as oportunidades para idosos e idosas continuarem exercendo suas atividades profissionais são raras. Infelizmente esse privilégio não é para todos os idosos, pois a credibilidade e o privilégio estão atrelados, em muitos casos, ao nível cultural, social, intelectual, econômico, político, e geográfico.

Ali, assistindo a peça teatral, tentávamos traduzir o significado daquela ímpar experiência para a pesquisa e as trajetórias de vida das colaboradoras que tomo para mim, na condição de pesquisadora. Além disso, organizávamos e reorganizávamos palavras, sentenças e textos curtos que depois de muitas retextualizações ficaram assim: Mulher idosa é mulher velha que está vivendo o envelhecimento com alegrias e muitas dores. Elas carregam consigo memórias de tempos vividos em tempos modernos. Assistia ao texto de Simone Beauvoir na performance de Fernanda Montenegro, pensava:

Sozinha em cena, sentada em um banco e com um foco de luz, Fernanda dá vida à Simone de Beauvoir - filósofa francesa que escreveu grandes obras, além de uma autobiografia. O texto foi elaborado pela própria atriz em cima de todo o material escrito que Simone deixou e tem um alto teor literário, que, com ajuda de Felipe Hirsch - fundador da Sutil Companhia, junto com Guilherme Webber, que atualmente dirige. (<http://m.guiadasemana.com.br/artes-e-teatro/noticia/fernanda-montenegro-vive-simone-de-beauvoir>)

A atriz Fernanda Montenegro ao interpretar e reencarnar a vida da escritora Simone Beauvoir, consegue preservar as memórias e relatos íntimos. Procura também manter intacto o despojamento, intencionalidade e vivacidade que a escritora apresenta no seu estilo de ser, escrever, narrar-se e refletir sobre si e sobre o outro. Fernanda Montenegro se apropria do texto e desnuda a sua alma, trazendo as memórias de Simone através de si.

APRENDIZAGENS E CENAS CINEMATOGRAFICAS: ENVELHECIMENTO E VIDA

As idosas, protagonistas da pesquisa, rememoram suas histórias de vida, ao mesmo tempo, nós na condição de pesquisadores também nos reinventamos em suas narrativas para

entender como cada uma foi se constituindo mulher numa comunidade rural, patriarcal carregada de preconceitos e como cada uma se reconhece no seu percurso de vida e como demos nos reconhecer neste percurso de vida entre o lugar do outro e o lugar de pesquisador(a). É uma relação ambígua: de mulher e de pesquisador(a). Há uma íntegra e ao mesmo tempo um afastamento do objeto para outro olhar.

A esse propósito apresento uma citação de Ricoeur (2006, p.90):

A famosa narrativa do retorno de Ulisses a Ítaca é sem sombra de dúvida uma narrativa do reconhecimento cujo herói é ao mesmo tempo o protagonista e o beneficiário. É correto dizer que ele se faz reconhecer por outros parceiros segundo uma gradação sabiamente orquestrada e uma arte do retardamento muitas vezes comentada pelos críticos.

Podemos nos reconhecer através de outro, sem viver a experiência de vida do outro, porém, refletimos de um lugar, no nosso caso, na condição de pesquisadores apropriamo-nos dessas experiências empíricas que os sujeitos vivenciaram. Assim, a narrativa do outro que nos apropriamos não é nossa, mas tomamos desta forma para nosso reconhecimento. Ao assistir a peça, também nos reconhecemos através de atitudes e disfarces narrados por Fernanda Montenegro que foram experienciados pela escritora. Pode-se então afirmar que as narrativas da escritora se constituem como narrativas de reconhecimento à medida que a atriz toma para si e se reconhece na personagem escritora que viveu todas aquelas experiências (re)narradas por Montenegro.

Outra leitura que ajudou a repensar o objeto de pesquisa foi a peça teatral *Ensina-me a viver* baseada no filme que se chama *Harold and Maude*, traduzido em português para *Ensina-me a Viver*, publicado em 1971, dirigido por Hal Ashby, que tem como atores principais Bud Cort, no papel de Harold, e Ruth Gordon, como Maude, indicados para melhor ator e atriz em comédia no 29º Golden Globe Awards. Na peça teatral, Maude é interpretado pela atriz Glória Menezes e *Harold é interpretado por* Arlindo Lopes.

Harold tem 19 anos, órfão de pai, sua mãe é controladora ao extremo, tem um tio que trabalha no exército. Ele pertence a uma família americana rica e tradicional. Faz análise, é católico e já tentou o suicídio quinze vezes. Como diversão, vai a funerais e até dirige um carro funerário. Faz tudo isto para chamar a atenção da mãe, que é uma socialite fútil, mas só consegue fazê-la reagir com impaciência ou indiferença. Harold é parte de uma sociedade onde não tem muita importância viver e existencialmente não tem muito significado.

Maude é uma senhora de 79 anos, austríaca, sobrevivente de um campo de concentração, viúva, que mora atualmente na América e adora funerais. Para ela 80 anos é a

idade ideal para morrer – 75 é ainda muito jovem e 85 é perda de tempo. Acredita que a vida deve ser vivida dia a dia por inteiro, sem restrições, sem tristezas. Vive uma vida cheia de significado e faz suas escolhas deliberadamente.

O casal se encontra em um funeral e partir daí nasce uma amizade importante: ela o ensina a apreciar a vida e a ser liberto, a usar o tempo para fazer o melhor para si, o prazer da música e de cantar, a tocar banjo, a apreciar a arte. Enquanto isto, sua mãe o coloca em um programa nacional para arranjar-lhe uma noiva. Com o tempo, ele fica mais próximo de Maude e deseja casar-se com ela. Prepara uma festa surpresa para o aniversário dela e pretende pedir-lhe em casamento. Mas enquanto dançam, ela avisa que tomou uma overdose de pílulas e que, por volta de meia noite, estará morta, confirmando assim que 80 anos é a idade ideal para morrer.

Enquanto assistíamos à peça, pensávamos sobre o lugar da mulher velha na sociedade. E se por um lado, ficamos indignada com descaso da família e da sociedade em relação ao idoso, por outro lado, ficamos contente por ter encontrado na comunidade rural de Saquinho, mulheres velhas ou idosas (como queiram chamá-las) nas salas de aula do TOPA em busca de espaço para aprendizagem. Essas idosas, assim como Maude, fizeram suas escolhas - sabem viver intensamente a vida enquanto há tempo e ensinam com atitudes e decisões como viver com envelhecimento.

Entre ficção e realidade, Fernanda Montenegro e Glória de Menezes, em lugares diferentes têm algo em comum com as cinco mulheres, protagonistas da pesquisa, ensinam a sociedade como viver, o envelhecimento com longevidade, através de atitudes e projetos de vida.

As cinco mulheres velhas, colaboradoras da pesquisa, residem na comunidade rural de Saquinho, na sua infância não tiveram oportunidade de aprender a ler e a escrever. Esse direito foi negado. Das cinco mulheres, quatro conseguiram ir à escola, quando eram crianças, mas não permaneceram por muito tempo porque tinham que ajudar aos pais na plantação de feijão, milho, amendoim, batata, legumes e verduras como é tradição na zona rural da região Nordeste, entre os meses de abril, maio e junho plantam-se tudo que podem cultivar na região. As crianças e adolescentes acompanham os pais para a plantação e para a colheita que acontece nos meses de agosto, setembro e outubro. Apenas uma idosa nunca frequentou a escola e pela primeira vez está matricula no Programa de Alfabetização (TOPA).

Na peça teatral e filme *Ensina-me a viver* Maude faz suas escolhas sem pensar muito nas consequências, pois é uma tática que encontrou para exercer sua autonomia. As pessoas não creditavam suas falas e nem suas atitudes devido idade de Maude, que para sociedade já

estava avançada e por isso deveria ser internada. Ela, por sua vez, estava preocupada em viver a vida e dar grandes ensinamentos ao jovem Harold. As mulheres idosas de Saquinho, assim como Maude, não querem pensar no tempo que lhes resta para viver, mas viver intensamente o tempo presente, interagindo com os colegas de classe e aproveitando cada momento como se fosse único. Isso é notório em suas narrativas quando afirmam que nas salas de aula se sentem como crianças e adolescentes, querem conversar, sorrir e brincar. Confessam que estão ali também para fugir um pouco do cotidiano familiar. Observem que na terceira idade, essas senhoras resolvem participar do Programa de Alfabetização – TOPA (Todos pela alfabetização), com o projeto de vida de aprender a ler e a escrever para conseguir autonomia, pois sabendo ler e escrever não precisam mais pedir aos netos, filhos, vizinhos para lêem seus escritos.

Ao participar da pesquisa as mulheres mudam seus percursos de vida quando trazem para suas narrativas, um desnudamento da sua vida privada, ao rememorarem suas reminiscências, põem uma pluralidade de experiências guardadas na memória do corpo, nos signos que permeiam seus objetos pessoais e dão sentido a sua existência. “O falar de si recobre, por sua vez, formas diversas que têm relação com a pluralidade dos objetivos enunciativos e dos tipos discursivos que elas põem em funcionamento”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525).

Ao se narrar, cada pessoa faz uma avaliação de si e das relações construídas consigo e com os outros, fazendo emergir lembranças, fatos e cenas. No ato de contar sobre si, “obrigamos a deslocarmos-nos durante nossa vida. Este eu aparentemente permanente muda de identidade, nele habita vários ao mesmo tempo. Sobre o que eu me fundamento para pensar o que penso e fazer o que faço?” (JOSSO, 2004, p.204). Esses fundamentos são colocados à prova nas narrativas produzidas nos espaços biográficos. “Coerências e incoerências são mobilizadas, colocadas em alerta, convocadas para comparecer provocando uma desordem benigna, criando a indecisão, gerando uma procura, um questionamento” (p.206). Os encontros nos espaços biográficos permitem uma viagem através do imaginário de cada sujeito da pesquisa. A história de vida é um texto projetado por elas. O texto é a projeção ou reinvenção da colaboradora. Como diz Worcman (2007, p. 07), “nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela somos nada”. A memória é o que nos estrutura como sujeito, como grupo. Acrescenta, ainda, Souza (2006, p. 104):

Ao narrar-se, a pessoa parte dos sentidos, significados e representações que são estabelecidas à experiência. A arte de narrar, como uma descrição de si, instaura-se num processo metanarrativo porque expressa o que ficou na sua memória.

Nas histórias contadas, as idosas recordam seu passado, constroem suas memórias e registram suas identidades, demarcando lugares, espaços, sentimento de pertencimento e territorialidade. Também se silenciam, choram, fazem pausas e retomam ao fio condutor da narrativa para dizer o passado e torná-lo presente. Tudo isso forma um patrimônio entre a experiência do passado, a experiência do presente e os significados e reflexões entre passado e presente que vão sendo construídos no contar, narrar e ouvir. É o que nos explica Souza (2006, p.103), ao refletir sobre a conexão entre tempo e memória:

A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.

Assim, as histórias de vida narradas representam um conjunto de vozes que retratam histórias de mulheres de Saquinho. As histórias individuais estão imbricadas nas práticas culturais, crenças e formas de vida dos sujeitos que historicamente se fundam e se reconstroem no dia-a-dia. Nessa perspectiva, Worcman (2007, p.7) aponta que:

Se entendermos que cada indivíduo tem uma história única, uma experiência valiosa que deve ser respeitada e tida como “saber”, estamos de fato, reconhecendo o valor do outro. Isso é fundamental para a mudança de culturas: de uma cultura de “especialistas” e “de poucos”, com emissores, receptores predeterminados, para uma cultura que reconhece o valor de cada pessoa.

A singularidade de cada narrativa, inserida num contexto sociocultural determinado, é mantida pelo empenho narrativo de cada participante a partir do que expressa sua individualidade, apesar de estar sempre inserido em uma produção coletiva. Essa observação encontra-se nas palavras de Arfuch (2010, p.111): “a multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam de diferentes modos, uma história ou experiência de vida. Inscrevem-se assim, para além do gênero em questão”. Nessa perspectiva, o espaço-tempo, segundo o qual nos narramos e construímos, é tempo de nossa existência e é de lá que nascem nossas histórias, ou seja, os modos de ser e de viver que apreendemos na nossa vida.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente ensaio apresenta excertos textuais das narrativas autobiográficas construídas nos espaços biográficos com cinco mulheres velhas, estudantes do Programa Educacional “Todos pela Alfabetização” (TOPA)⁴, residentes na comunidade rural negra de Saquinho, Inhambupe, BA. Os conteúdos analisados fazem parte do Núcleo de estudo sobre envelhecimento humano do Departamento de Educação- Campus II – UNEB(Universidade do Estado da Bahia). Na escrita do texto, procuramos evidenciar as categorias que emergiram do *corpus* da pesquisa organizada pelo Núcleo de estudo. Dos filmes que assistimos, rememoramos muitas vivências intelectuais e culturais, bem como as contribuições teóricas enriquecidas com filmes tematicamente vinculados aos interesses da pesquisa e do grupo.

O corpo teórico nos ajudou a elucidar a compreensão sobre o objeto de estudo, bem como a apropriação dos pressupostos teóricos da pesquisa (auto)biográfica sobre as trajetórias de cinco mulheres velhas e as aprendizagens construídas em suas vidas e na escola. O percurso metodológico se configura como de natureza qualitativa e utiliza os procedimentos da história oral, usando como principais instrumentos de pesquisa a entrevista narrativa, além das experiências narrativas construídas através da mediação em oficinas/ateliês/espços autobiográficos. Assim, propomos um diálogo entre as narrativas (auto)biográficas das mulheres e as cenas dos filmes assistidos por nós, pesquisadores e nesta perspectiva buscamos refletir sobre a imagem das mulheres da pesquisa no processo de envelhecimento e aprendizagens de si.

Intitulamos como espaço biográfico o lugar das memórias autobiográficas das mulheres da pesquisa. No trajeto da pesquisa, esse espaço se constituiu como espaço de aprendizagens e conhecimento de si através de objetos biográficos e escritas de si. Esse espaço foi criado porque sentimos necessidade de rever questões da pesquisa. Na comunidade de pesquisa, os espaços⁵ biográficos se organizaram em espaços de memórias autobiográficas. Tais espaços foram elencados em seis encontros. Para cada encontro foi trabalhada uma temática da memória-viva. Cada mulher idosa levava seus saberes e experiências biográficas da infância, da juventude, casamento, família, escola e projetos de futuro. Nesses encontros as mulheres rememoravam seus tempos vividos através de imagens, escritos e objetos biográficos e traziam à tona as experiências marcantes e significativas.

⁴ TOPA - Programa de Alfabetização do atual Governo da Bahia, governo do petista Jaques Wagner. A sigla é traduzida por Todos Pela Alfabetização. O Programa foi lançado na última semana de setembro de 2007.

⁵ Delory-Momberger (2008) intitulou esse espaço de trabalho de “ateliê biográfico”.

Brandão (2008) tem experienciado tal atividade através de oficinas em espaços de convivência de idosos/idosas. Sobre os espaços biográficos e autobiográficos, a autora afirma que,

A experiência com a prática das oficinas de Memória Autobiográfica tem se mostrado como um instigante caminho do recordar, em cuja trilha surgem várias tarefas e uma espécie de legado: é como uma viagem mágica – que se amplia – do hoje para o ontem, e do hoje para o amanhã, na qual os integrantes das oficinas deixam emergir temas específicos, que se desvelam durante os encontros, e permitem que a linguagem – oral e escrita – as conduza em um importante trabalho de (re)construção (p.84).

Desse modo, as narrativas que os encontros intencionaram foram potencialmente representantes de memória individual e coletiva a partir de vivências individuais experienciadas pela família no grupo social. Trata-se, então, da reconstituição do tempo, da evocação do passado, refletidas no tempo presente. Essa articulação entre os eixos temporais é explicada por Souza (2006, p.102), ao dizer que:

A arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais articulam-se com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências. O tempo é memória, o tempo instala-se nas vivências circunscritas em momentos; o tempo é situar-se no passado e no presente.

Não, apenas, narramos como nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens e nos encontramos nas histórias que biografizamos. Nossos saberes se entrecruzam com outros saberes e rememoramos nossas aprendizagens construídas nos caminhos e descaminhos das experiências vividas. “A autobiografia fornece um modelo tangível do modo como nossa consciência trabalha o material da vida, díspar, heterogêneo, fragmentado, para constituí-lo em um conjunto dotado de unidade e coerência” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.57). A história de vida de cada sujeito já fala por si, sem precisar da intervenção, do dizer do outro. Assim, é a “narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; ela, enfim, é que dá história a nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.37).

As memórias dessas mulheres se constituem, primordialmente, como o objeto de estudo da pesquisa. O contributo metodológico vem dos estudos sobre histórias de vida “como metodologia de pesquisa-formação onde a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação” (JOSSO, 2004, p.15). O estudo sobre histórias de vida implica, em primeira

instância, num estudo sobre si (do ponto de vista do narrador), apesar de ser destinado à interlocução com o outro.

Conforme diz Josso (2004, p.48):

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é vivido na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprias e/com nosso ambiente humano e natural.

Em analogia ao que Josso coloca, (re)narramos as memórias autobiográficas das protagonistas da pesquisa - mulheres idosas - , apresentando excertos textuais que trazem as memórias da família e do grupo social e das aprendizagens da infância, juventude e vida adulta, que se atualiza no envelhecimento frente aos projetos de vida de agora, com novas possibilidades de vida, novas motivações, novos projetos por entender que a história de vida se constitui num “instrumento-método”(JOSSO, 2010, p. 136) de formação, independente da idade, do perfil sociocultural e do espaço geográfico e político.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os espaços biográficos obedecem a uma dinâmica prospectiva constituída da intersecção de três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro), a fim de o sujeito possa ao só narrar sobre de si, mas também deixar emergir seu projeto pessoal (DELORY-MOMBERGER, 2008). Admitindo que o espaço biográfico corporifica “essa dinâmica intencional, reconstruindo uma história projetiva” (p.100) de si, pretendo incluir na pesquisa as contribuições do grupo de idosas no sentido de que repensem seus percursos educativos e formativos, evocando em suas memórias figuras de pessoas, objetos, lugares, etapas e acontecimentos vividos em suas trajetórias, para que, assim, possam se projetar em um tempo futuro no qual lançam seus desejos e expectativas.

Os encontros biográficos foram organizados sob a coordenação do núcleo da pesquisa. Na primeira etapa, foram dadas instruções de segurança visando a responsabilizar cada uma pelo uso que faz da fala e pelo seu grau de engajamento. Trata-se uma fala social, conscientizada na relação com o outro (DELORY-MOMBERGER, 2008,p.100). Há uma regra de discrição e de reserva sobre tudo aquilo que será narrado no âmbito do espaço biográfico.

O ato de contar narrativas e de ouvir as narrativas das companheiras participantes do grupo pode permitir uma auto-reflexão das experiências, saberes e memórias compartilhadas no espaço biográfico. Tais narrativas obrigam-nos a realizar um “balanço” do que fizemos de nossas vidas no passado, do que estamos fazendo atualmente e do que pretendemos fazer no futuro. As experiências narradas nos permitem tomar consciência dos projetos que engendramos, conforme nos ensina Josso (2004, p.39):

Se a abordagem biográfica é um outro meio para observar um aspecto central das situações educativas, é porque ela permite uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente natural. Para perceber como essa formação se processa, é necessário aprender, pela experiência direta, o observar essas experiências das quais podemos dizer, com mais ou menos rigor, em que elas foram formadoras.

Na condição de pesquisadores, definimos e organizamos para cada encontro/espço os eixos temáticos que orientaram a construção da narrativa autobiográfica. As ideias da operacionalização do espaço biográfico foram surgindo aos poucos. E apresentamos a seguir, excertos textuais das cinco mulheres, protagonistas da pesquisa.

O reconhecimento que tem si se dá através de seus objetos biográficos, como: peças de roupas, peças decorativas, joias, livros e outras peças que são significativas. Vejamos como elas rememoram o passado, deixando que objetos pelo tempo que estão com elas, narrem-se. Vejamos como as mulheres idosas dão voz aos seus objetos biográficos prediletos e como continuam vivos no seu cotidiano:

Com esse conjunto de saia e blusa rosa, eu me sinto jovem, mais bonita. Essa roupa(rosa) foi para meus 50 anos de casamento. Me sinto mais a vontade. Naquele dia eu me sentia como se tivesse meus 15 anos. Essa roupa aqui também eu gosto muito(uma roupa laranja de seda) ela tem 16 anos foi do casamento da minha filha tem roupa que a gente se sente mais arrumada , mais mulher, mais bonita.(D. Felicidade)

Essa blusa eu comprei para ir para o casamento de uma moça chamada Helena, eu vesti ela com uma saia branca. Ela ficou muito bonita em mim. Ela já tem 15 anos que uso, gosto dela porque é leve fresca, sensual. (D. Celestina)

Esta saia tem 18 anos. Eu gosto dessa roupa porque gosto de roupa de bolso. E eu gosto dela porque ela fica bem feitinha no meu corpo, já mandei fazer outra dessa.Comprei esse pano em Inhambupe e uma amiga minha costurou. A primeira vez que vesti foi numa missa. Ela já ta bem velhinha, mas eu gosto muito dela. É uma saia colorida bem leve. Se tiver outra reunião eu venho com essa saia novamente... (risos). (D. Lili).

Tenho muito carinho, por essa saia, pois veio de São Paulo. Veio como um presente de meu filho e um bilhete dele me pedindo desculpas pela simplicidade do presente(...) vesti a primeira vez para ir para N.Sr das Candeias. Quanto mais eu andava com ela mais eu adorava o balanço dela e me sentia bonita. A blusa dela é verde de crochê. (D. Vitória)

Ah! Com esse vestido colorido me sinto mais bonita, mais alegre mais mulher ele me deixa á vontade. Gosto por demais de usar esse vestido que trouxe, porque me sinto mulher mais jovem. (D. Mariinha).

Nestes excertos, as mulheres idosas se inscrevem no presente para apresentar cenas narrativas do passado, através de objetos biográficos, trazendo à tona memórias significativas. As peças de roupas pessoais se constituem como lembranças de um período marcante que representa jovialidade, longevidade, sensualidade e erotismo. Percebe-se que nos excertos, há um reconhecimento de si em relação à feminilidade. Percebe-se que D. Felicidade deseja e sente-se como se tivesse 15 anos.

“O objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade”. (BOSI, 2003, p.06). As peças continuam guardadas e utilizadas porque dão significados ao presente com o passado que foi vivido.

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.(BOSI,2003, p.11).

No corpo perdura o que não envelhece que é a alma infantil e jovial. Isso significa que não envelhece e não se alteram com a passagem do tempo e que nos acompanham durante toda vida e não morrem (MUCIDA, 2009).

As coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. Se a juventude aparece como contraste à velhice é dessa imagem que as mulheres velhas e homens velhos precisam, especificamente da vitalidade da juventude. “A sexualidade aparece, dessa forma aparece, como um ponto-chave na construção da imagem deteriorada da velhice”. (BARROS, 2011, p.52).

Observemos como a sexualidade e o erotismo “falam” através dos objetos biográficos, vejamos as sentenças retiradas dos excertos apresentados anteriormente: “Ela ficou muito bonita em mim”. Ela já tem 15 anos que uso, gosto dela porque é leve fresca, sensual”; Quanto mais eu andava com ela mais eu adorava o balanço dela e me sentia bonita”; “.Ah! Com esse vestido colorido me sinto mais bonita, mais alegre mais mulher ele me deixa á vontade; E eu gosto dela porque ela fica bem feitinha no meu corpo, já mandei fazer outra dessa” Desse modo, “o objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas expe-

riências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (DELORY-MOMBERG, 2012, p.525).

Nesse contexto, como diz Barros (2011, p. 47):

As idades são aprendidas como etapas que definem estilos que podem ou não ser adotados e delimitam fronteiras entre indivíduos e delimitam fronteiras entre, como podemos na interpretação da juventude ou da terceira idade como um modo de ser e de estar no mundo.

A memória é o guardião do nosso passado. O envelhecimento reserva para nós um tempo de fazer balanços de nossa vida, porque vivemos correndo e não paramos para pensar sobre o que somos e o que fizemos e repentinamente envelhecemos. As memórias autobiográficas das idosas trazem aprendizagens acumuladas nos percursos de suas vidas e daquilo que fizeram delas e como se tornaram as mulheres em fase de envelhecimento, como mente jovial e um projeto de vida para o futuro.

Conforme Beauvoir (1990, p. 16),

[...] a sociedade destina ao velho seu lugar e seu papel levando em conta sua idiossincrasia individual: sua importância, sua experiência; reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta apenas descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice: cada um deles reage sobre os outros aspectos e é afetado por eles; é no movimento indefinido desta circularidade que é preciso apreendê-la.

Cada sociedade e ou grupo social destina e impõe ao velho e a velha um lugar ou papel social. “Cada sociedade cria seus próprios valores: é no contexto social que palavra “declínio” pode adquirir um sentido preciso” (BEAUVOIR, 1990, p.20). Na concepção da autora, a velhice não é tão somente um fato biológico, mas também um fato cultural que merece estudo, pesquisa e intervenção social e política.

Se cada sociedade carrega resquícios de negação contra o ser velho ou ser velha, algo parece-me errado. Ora, os humanos nascem, crescem, reproduzem, envelhecem e morrem. Esse é ciclo natural dos seres vivos. Os humanos vão mais além, porque pensam, produzem ciência e cultura. Não lembro ter lido que os outros animais tratem seus velhos com abandono ou negligência e se agirem desse modo, podemos compreender que agem conforme seu instinto natural. Mas, os humanos pensam, agem, produzem. Tem uma memória que edifica sua vida e das gerações futuras. A leitura da obra de Beauvoir conta experiências vividas por etnólogos em comunidades diversas e eles relatam histórias tristes sobre agressões, exclusões e abandonos de homens velhos e mulheres velhas.

Conforme Beauvoir (1990, p. 49),

Não há coletividade humana, por mais rude que seja, que não possua uma certa cultura; as atividades que o homem exerce usando instrumentos por ele fabricados constituem um trabalho a partir do qual se estabelece ao menos um embrião de organização social. Não tentemos, portanto imaginar o que seria para ele uma velhice natural. Mas – se bem que, mesmo nesse caso, a palavra natureza se preste a controvérsias – pode ser observar o que se passa com os animais. Em muitas espécies - e principalmente entre os mais evoluídos -, os animais idosos e experimentados gozam de grande prestígio; eles transmitem aos outros informações que adquiriram ao longo de sua experiência. A posição que cada um ocupa no grupo está na razão direta do número de anos de vida. Os zoologistas relataram algumas observações curiosas a esse respeito.

Se os animais têm um lugar e posição de acordo com a idade no grupo que vive, o mesmo não acontece com os velhos de nossa sociedade. E para saber como cada idoso vive neste planeta, faz-se necessário um estudo acurado e que precisaríamos de muitos pesquisadores em diversas ciências e áreas de estudos e mesmo assim não daríamos conta. Portanto, “para compreender a realidade e a significação da velhice, é, portanto, indispensável, examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos e em diferentes lugares”. (BEAUVOIR, 1990, p. 48).

Ao envelhecermos, confiamos na parte de nossa memória mais preservada, e uma parcela disso é a essência. (STRAUCH, 2011). Os idosos internalizaram entre si, um mito de que “eles não aprendem mais porque já estão velhos.” Isso nega a capacidade que eles têm de aprender.

Linda Fried, diretora da Faculdade Mailman de Saúde Pública da Universidade Columbiana e especialista de longa data no envelhecimento, afirma que a capacidade de discernir o panorama geral também pode fomentar a criatividade. Ficamos mais propensos a unir fios díspares para criar um novo todo. (STRAUCH, 2011, p. 69).

Então, o mito criado em torno do idoso com afirmações de que a idade não mais permite a aprendizagem não tem fundamento científico algum. Ao contrário, pesquisas apontam de que as pessoas idosas precisam de mais tempo para realizar as tarefas, entretanto são mais caprichosas e desenvolvem habilidades complexas.

Um estudo respaldou resultados de anos atrás, obtidos por cientistas como Frances Benes, de Harvard, que havia medido cuidadosamente a mielina dos cérebros que obtivera num necrotério próximo. Benes também havia constatado que a mielina continuava a aumentar com a idade, e ela também havia sugerido ser muito possível que isso fosse o que se chamava de sabedoria da meia-idade. (STRAUCH, 2011, p. 71).

Vê-se com isso que não tem idade para aprender. Há de fato preconceitos e mitos para negar aos idosos e idosas os seus direitos. Vimos nas peças teatrais, duas mulheres da terceira

idade, interpretando textos complexos que requer estudo, pesquisa e capacidade de concentração. E, se os idosos têm, na maioria das vezes, resposta e explicação para “quase tudo”, faz-se necessário que haja investimento e formação acerca dessas aprendizagens e esquemas cognitivos organizados por esses sujeitos, pois não se concebe uma pedagogia que não respeita tempo, cultura, diversidade e modos de vida, como se as pessoas aprendessem de forma igual e ao mesmo tempo.

Para Mucida(2009, p. 15),

A memória constitui-se de traços das experiências vividas, sentidas ou imaginadas. Nessa direção não importa se uma lembrança que retorna liga-se a algo vivido daquela maneira, se foi imaginado ou apenas desejado. A memória guarda em seus registros impressões arcaicas, percepções, sentimentos, projeções, fantasias e toda sorte de afetos que não se desfazem, mas nem todas podem ser lembradas.

Nossa vida é assim, nos inscrevemos num passado que ficou na memória, vivemos um presente que se cristaliza em cenas, se esvai e guardamos para rememorar num futuro tempo a viver. Se o tempo nos devora a cada segundo, então é preciso viver bem esse tempo, já que fica impossível fazer os arranjos e ajeites que se foram para o passado. Ao passado vivido cabe rememorar não para mudar o que fora construído, mas para dar outro significado a vida presente. Então, “é escrever é saber atualizar da memória, enlaçando passado, presente e futuro” (MUCIDA, 2009, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conversar, narrar e escrever sobre mulheres de qualquer idade é sempre expor nossa intimidade feminina ao mundo, porém, isso se faz necessário, à medida que vamos ganhando espaço e reconhecimento; além disso, se não fizermos esse desafio, ficamos presas apenas aquilo que o mundo masculino escreve sobre nós. Então, esse desnudamento é uma tática que precisamos utilizar para falar de mulheres que somos com corpos, sangue, etnias, idades, grupos sociais, espaços geográficos, políticos e com nível cultural diversificado. Somos mulheres que durante muitos anos fomos silenciadas e reduzidas apenas a objetos de trabalho doméstico e braçal. Ao ganharmos espaços vamos contar sobre o que fizeram de nós e como reagimos às forças contrárias.

É a narração da experiência que dá fundamento a vida e a discussão que se pretendeu abordar neste capítulo, ao apresentar excertos textuais que mostram como as mulheres velhas (re)atualizam suas memórias através dos objetos biográficos, mostrando como a longevidade,

jóvialidade, sexualidade e erotismo estão presentes em suas vidas, nos seus corpos e memória. É reconhecendo-se através de suas experiências que as mulheres velhas de Saquinho, contam sobre si, narrando-se no tempo presente, mas com experiências e testemunho de um passado vivido. Não há testemunho e narrativas sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração. Penso nas experiências que nunca foram narradas, apenas silenciadas, entretanto foram vividas com intensidades, embora não tivessem sido reconhecidas numa dimensão pública.

Ao apresentar concepções e conceitos teóricos acerca do objeto epistemológico da pesquisa que procuramos dialogar com as categorias conceituais que vivenciei através das peças de teatros que assisti dão amadurecimento do objeto em estudo, ao compreender como elas se reconhecem no devir das suas autobiografias.

REFERÊNCIAS

ARFUC, Leonor. **O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.) **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens epistemológicas na pesquisa biográfica. In: **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, Rio de Janeiro. V.17 n. 51, set-dezembro. 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memória educativa: narrativas de formação –recortes de um eu em crescimento e partilha.In: **O conhecimento de si:** estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA:UNEB, 2006.

STRAUCH, Bárbara. **O melhor cérebro da sua vida.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

WORCMAN, Karen. Memória: poder de transformação.In: **Presente!** Revista de educação.Salvador: CEAP, a. 15, nº 57, 2007. p.05-13.

<http://www.guiadasemana.com.br/artes-e-teatro/viver-sem-tempos-mortos-teatro-raul-cortez-antigo-teatro-fecomercio>. Em 08-10-2011

<http://www.euamobhradicalmente.com.br/detalhe-giro/espetaculo-ldquoensina-me-a-viver-ddquo-com-gloria-menezes>. Em 09.10.11

Viver Sem Tempos Mortos. Texto: correspondências de Simone de Beauvoir organizadas por Fernanda Montenegro. Direção: Felipe Hirsch. Direção de arte: Daniela Thomas. Iluminação: Beto Bruel. Seleção Musical: Fernanda Montenegro. Dramaturgia: Fernanda Montenegro Pesquisa e compilação: Newton Goldman. Direção de Produção: Carmen Mello. Assistente de Produção: Letícia Santos. Técnico de som e luz: Fabio Santana. Controller: Ricardo Rodrigues.

Ensina-me a viver. Direção e Adaptação: João Falcão. Texto: Collin Higgins. Tradução: Millôr Fernandes. Elenco: Glória Menezes e Arlindo Lopes, Glória Menezes e Arlindo Lopes, Ilana Kaplan, Antonio Fragoso, Elisa Pinheiro. Cenografia: Sérgio Marimba / Figurino: Kika Lopes. Iluminação: Renato Machado / Trilha Sonora: Rodrigo Penna. Assistente Direção e Direção de movimentos: Duda Maia. Produção Executiva e Administração do Espetáculo: Luciano Marcelo. Direção de Produção: Maria Siman